

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**TAÍS DAIELE ALVES**

**MÃES/PAIS-DE-SANTO, MEDIUNS E SEUS CONSULENTES: UM OLHAR SOBRE  
O AGIR ÉTICO NA UMBANDA**

**JUIZ DE FORA**

**2017**

## 1. Delimitação do tema

O tráfico de escravos para o Brasil iniciou-se com a vinda dos colonizadores que trouxeram os cativos, vistos como parte da bagagem essencial para a sobrevivência nas novas terras “descobertas”. Os primeiros escravizados que aqui adentraram a partir do século XVI, provinham de diversos pontos da costa ocidental africana, região dominada por Portugal. O comércio de escravizados ocorreu de forma intensa e cruel, o lucro representou a força impulsionadora do tráfico, que durou mais de 300 anos. A abolição da escravidão explica-se muito mais pelas mudanças de interesse econômico que, por razões humanitárias (BERKENBROCK, 2012).

O tráfico de africanos direcionados ao território brasileiro causou profundas mudanças para estes povos e seus descendentes. Dentre essas mudanças podemos destacar uma grande ruptura no que tange à cultura, tradições e religiosidades. Para analisarmos especificamente as religiões africanas, seu desaparecimento ou permanência, diante de uma realidade totalmente cruel com o traslado e, levando em conta a multiplicidade de etnias trazidas de diferentes partes do continente africano, com suas diversas nações, línguas e culturas da região abaixo do Saara, utilizaremos o estudo de Volney Berkenbrock (2012).

De acordo com o autor, durante o processo de desenvolvimento, que posteriormente originou as religiões afro-brasileiras, podemos identificar continuidades, adaptações e perdas de elementos religiosos africanos.

Prandi (2000) afirma que a fonte por excelência da memória das origens africanas no Brasil é a religião. De acordo com o autor, as nações enquanto tradições culturais, só conseguiram ser preservadas no que tange à sua religiosidade, na forma do candomblé, na Bahia, dos xangôs de Pernambuco, o tambor-de-mina do Maranhão, o batuque de nação no Rio Grande do Sul entre outras religiões. Sendo a religião a fonte por excelência da memória das origens africanas no país, tomaremos como foco de estudo uma das principais religiões afro-brasileiras, a Umbanda.

Os contornos mais definidos da Umbanda surgiram a partir das décadas de 1920 e 1930, todavia, muitos elementos formadores desta religião já se faziam notar no universo religioso popular do Brasil, muito antes do século XX. As práticas religiosas dos povos banto e a transmissão da sua cultura para os afrodescendentes sofreram um processo de reinterpretação e contínuas reinvenções, preservando significados antigos com novas formas,

como também conservando velhas formas com novas significações. Um processo longo e complexo que se iniciou com a chegada dos primeiros grupos de africanos escravizados. (FLORIANO, 2016).

Roger Bastide (1971) também compreende a Umbanda como uma continuidade de manifestações religiosas afro-brasileiras encontradas principalmente no Rio de Janeiro, conhecidas popularmente como macumbas. Essas manifestações em contato com a doutrina espírita do kardecismo<sup>1</sup>, presente no Brasil a partir do século XIX, teriam adquirido uma nova roupagem, dando origem ao que compreendemos hoje como Umbanda.

As práticas religiosas afro-brasileiras, também denominadas de canjerês ou macumbas, que deram origem à Umbanda, se desenvolveram durante os séculos XIX e XX e foram amplamente perseguidas no município de Juiz de Fora, assim como em outras regiões do país, sendo identificadas como feitiçaria e combatidas como curandeirismo (FLORIANO, 2015).

Ao analisarmos a trajetória das religiões afro-brasileiras, sempre levando em conta as necessidades de acomodação e a perseguição infringida a elas, percebemos a perda de muitos aspectos estruturais e simbólicos das mesmas. Uma dessas perdas, segundo Prandi (2005), é a dimensão ligada à formação e controle dos princípios éticos das mães/pais-de-santo e médiuns das religiões.

A Umbanda, segundo Silva (2005), e suas origens enquanto religião, organizada durante as décadas de 1920 e 1930, foi fundada por kardecistas de classe média que passaram a introduzir em suas práticas, elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, defendendo abertamente essa “mistura” e assim buscando legitimidade como uma nova religião.

Na reelaboração das religiões afro-brasileiras, a Umbanda incorporou muitos dos valores cristãos presentes no kardecismo, sendo esta uma religião especialmente ética. Esta adotou certa visão maniqueísta do mundo, entretanto, essa religião não desenvolveu um código de ética rígido, voltado para a orientação moral de seus fiéis em sua coletividade (PRANDI, 2005).

A influência do catolicismo e do kardecismo na Umbanda, varia de acordo com a origem das casas e a relação que as mães/pais-de-santo possuem com essas religiões. O

---

<sup>1</sup> A doutrina espírita surgiu na França, em meados do século XIX, a partir dos estudos e observações feitas pelo pedagogo e educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, também conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec /1804 – 1869. (VAGNER, 2005).

sincretismo presente nos terreiros umbandistas varia de acordo com as percepções religiosas de seus fundadores e de como essas visões de mundo sobrevivem com o passar dos anos dentro dos terreiros. Entendermos estes níveis de influência, a percepção que mães/pais-de-santo e médiuns possuem sobre a concepção ética dentro das suas religiões e como agem de forma ética, será possível a partir do aprofundamento da pesquisa de campo nos terreiros selecionados para o estudo.

Para Prandi (2005), a remodelação das bases éticas das religiões afro-brasileiras, veio da concepção de mundo do espiritismo kardecista. A Umbanda que nasceu sob feições brancas, porém mestiça, manteve da matriz africana o culto aos orixás, o transe de possessão e o rito dançante. Por outro lado, suas cerimônias em português são bem mais simples e acessíveis, sua concepção de mundo é extremamente marcada pela valorização da caridade, baseada no trabalho desinteressado em prol do outro, característica do kardecismo, com sua inspiração cristã no plano dos valores.

O controle ético e moral na Umbanda está ligado a atividade religiosa, na qual as entidades espirituais, devem praticar a caridade, ajudando os fiéis e clientes a resolverem seus problemas. Existe a noção de que os espíritos vêm à terra para trabalhar pela caridade, pelo bem, a partir das práticas mágicas, elemento central do ritual umbandista (PRANDI, 2005).

Podemos crer que a Umbanda ficou “no meio do caminho” entre o Candomblé e o Kardecismo. Em meio a sua heterogeneidade encontramos terreiros extremamente moralizados, que seguem princípios éticos muito próximos e influenciados pelo espiritismo kardecista, ligados a evolução cármica, a prática metódica do bem por meio da caridade e do afastamento e condenação do que é visto como “mal” (NEGRÃO, 1996).

Ao mesmo tempo encontramos terreiros menos ligados aos princípios kardecistas, que utilizam de forma mais ampla as práticas mágicas tradicionais, diretamente influenciados por sua herança africana. Há ainda terreiros que cobram pelos serviços religiosos prestados, pois entendem a cobrança como uma necessidade de sobrevivência e manutenção dos mesmos, a cobrança justa, pela necessidade, é válida, o que não é aceito é a exploração, transformando a religião em fonte de lucro. Esta ação é condenada por outros terreiros, que defendem a caridade altruísta, como princípio de amor e do viver para o outro. (NEGRÃO, 1996).

Desde o momento de sua formação há na Umbanda uma ‘fase inconfessa’, Prandi (2002) denomina “universo paralelo”, um lugar escondido no qual a prática mágica não recebe “nenhum tipo de restrição ética”, onde todos os pedidos e demandas dos devotos

podem ser atendidos, sem nenhuma exceção, conforme o ideal da magia. Esta concepção compreende que se é para o bem do cliente, não há limites, a relação estabelecida é entre o cliente e a entidade que o auxilia, deixando de lado quaisquer interesses do grupo ou sociedade. A herança africana neste sentido, teria sido mais forte que a moralidade kardecista, impondo a ideia de que cada ser humano tem o direito de ser realizado e feliz neste mundo, acima do bem e do mal.

A questão do bem e do mal, da ação ética ficaria suspensa neste território que a Umbanda denominou Quimbanda. Percebemos assim a demarcação de uma fronteira, visando manter a imagem da Umbanda como uma religião do bem. A Quimbanda seria o domínio das entidades de esquerda, com seus exus e pombas-gira, em contraposição as entidades ou guias do panteão de direita, com seus caboclos, pretos-velhos, que se recusam a fazer “o mal”, por razões éticas. A Quimbanda, de acordo com Prandi (2002), funcionaria como uma espécie de negação ética da Umbanda, sendo ambas resultantes do processo histórico de cristianização da religião africana.

Alguns terreiros compreendem estas ações como legítimas, são combates mágicos a inimigos e desafetos, as chamadas demandas. Os membros destas casas acreditam na necessidade de defesa e proteção dentro de um universo de relações hostis, regido por sentimentos como inveja e concorrência. A demanda é vista como legítima, pois, desfaz o malfeito contra inocentes e o faz retornar contra quem o provocou.

Há uma compreensão de justiça invocada, tratando-se assim de uma crença na ética da justiça, a reparação do agredido, mediante o castigo do agressor, é vista como uma ação legítima. É justo defender o ofendido e punir o ofensor, injusto seria demandar contra um inocente (NEGRÃO, 1996).

É inegável não notar um distanciamento da noção de perdão cristão, e identificar um componente “vingativo” e uma noção de felicidade terrena e justiça imediata, no qual o ofendido reage à ação sofrida por meio da manipulação mágica, assumindo um papel decisivo no processo e busca por justiça. Não há uma mediação institucionalizada, ou um modelo de conduta a ser seguido a partir da leitura de um livro sagrado, “[...] são os próprios guias-agentes mágicos os juízes e executores da pena [...]” (NEGRÃO, 1996, p. 371).

Não há padrões normativos de conduta efetiva, válidos a todos os terreiros de Umbanda existentes. Negrão (1996) compreende uma noção de “justiça consentânea”, conforme a razão ou a ocasião, uma noção de justiça peculiar, interindividual, uma justiça

vista pela ótica dos subalternos, uma moralidade peculiar, que legitima a cobrança e a punição dos maus por suas próprias vítimas. Estamos distantes de uma hegemonia moral, que atrela os interesses individuais aos sociais, e coloca a justiça como algo que está além da competência dos prejudicados. Todavia não podemos falar em ausência de ética, ou em uma religião aética, há sim uma ética diversa, autônoma, que muitas vezes contrária os padrões cristãos ocidentais.

Diante das noções de ética expostas no universo da Umbanda, o presente estudo busca entender os princípios éticos que pautam a ação de mães/pais-de-santo e médiuns nas casas de culto umbandista. Investigar se as ações e relações sociais e religiosas dentro de terreiros de Umbanda do município de Juiz de Fora estão orientados por uma ética própria, inerente à Umbanda.

Utilizaremos neste texto a compreensão de ética exposta por Paulo César Nodari e Everaldo Cescon na obra *“Manual de Ética: questões de ética teórica e aplicada”*. A ética é entendida como o parâmetro que trata de estabelecer o fenômeno moral, fundamentando-o, explicando-o e dando razão do por que utilizamos determinados valores a outros, algumas normas em relação a outras, respondendo a questões como o por que temos de ser morais. A moral está ligada aos princípios, normas e valores relacionadas ao fenômeno social, a ética é a filosofia moral, que define os traços específicos da moral e que fundamenta a moralidade (NODARI; CESCO, 2014).

Partiremos da compreensão da ética enquanto razão que leva à felicidade, princípio que leva a vontade a encontrar e a escolher o bem, a atitude ética que destaca o esforço do homem por ser justo. A religião ao abarcar todas as dimensões da vida humana, tem uma dimensão moral e se preocupa com a conduta de seus adeptos, esta dimensão moral é imprescindível à religião e é direcionada dessa forma pela ética (NODARI; CESCO, 2014).

A ética entendida como filosofia moral, é vista como um saber que orienta o agir da sociedade de uma forma geral, no cotidiano, nas relações sociais, partindo do pressuposto de que as pessoas estão inseridas no mundo e que dessa forma, se relacionam intersubjetivamente na prática cotidiana. (HABERMAS, 2004 apud CARNEIRO; CRUZ, 2014, p.60).

Ao descrever a história e formação dos terreiros investigados, iremos buscar elementos em relação à ética na Umbanda. Para alcançar este objetivo, buscaremos compreender como

se dá a relação ética entre mães/pais-de-santo e os médiuns das casas de culto, percebendo também se há princípios éticos que regem a relação dos médiuns com os seus consulentes.

O recorte espacial do presente projeto são terreiros de Umbanda do município de Juiz de Fora, que serão estudados a partir da pesquisa qualitativa, utilizando-se de entrevistas e análise de conteúdo das mesmas.

## **2. Justificativa**

As religiões afro-brasileiras possuem uma riqueza de elementos que foram trazidos recriados e adaptados à realidade opressora da escravidão. Estudar as religiões afro-brasileiras é voltar o olhar para um elemento de suma importância na constituição da identidade cultural brasileira. Prandi (2013) em uma de suas obras evidencia tal importância ao esclarecer que:

Pode-se dizer que as religiões afro-brasileiras têm alcance relativamente bem modesto em termos de seus números de fiéis, mas o que delas extravasa para compor, refundir, temperar e contaminar a cultura brasileira fez delas grandes expressões religiosas, que em adição ao catolicismo tradicional, ainda respondem por nossa identidade nacional. Tudo isso explica o enorme interesse dos pesquisadores pelas religiões afro-brasileiras. O número de estudos sobre candomblé, xangô, tambor de mina, batuque, umbanda e outras modalidades menos difundidas não para de crescer. Há sempre um aspecto a descobrir, uma nuance a considerar, uma nova interpretação a oferecer. Parece que sua complexidade e riqueza mítica e ritual não têm fim. (PRANDI, 2013, p. 11).

Seguindo a perspectiva do pensamento de Prandi, a nuance a considerar neste projeto de pesquisa são as noções e princípios éticos das religiões afro-brasileiras, tratando em específico a Umbanda. Esclarecer os princípios éticos no agir umbandista significaria contribuir, mesmo que de forma modesta, no sentido de desconstruir deturpações e preconceitos em relação a essas religiões. Com a intenção de esclarecer esta aspiração, trago uma nota de rodapé citada por Berkenbrock, esta análise é bastante pertinente no que concerne ao assunto.

Muitas das acusações que se fazem no Brasil contra as religiões afro-brasileiras em geral têm por base justamente uma experiência com uma “atrofia” religiosa, onde o relacionamento entre fiel e Orixá é utilizado para prejudicar pessoas. Este tipo de fenômeno, que não é nenhuma exclusividade das religiões afro-brasileiras e pode ser encontrado em todas as religiões, é muito combatido pelas próprias religiões afro-brasileiras (BERKENBROCK, 2012, p. 253).

Diante do exposto, desenvolver análises nas quais é possível elucidar, de forma mais detida, os aspectos éticos da Umbanda e o agir orientado por estes princípios, além de ser uma perspectiva importante enquanto campo de estudo no meio acadêmico, pode vir a contribuir

no cumprimento de um papel social, no esforço de quebrar preconceitos e estereótipos negativos em relação às religiões afro-brasileiras, muitas vezes relacionadas a trabalhos demoníacos que visam o mal de terceiros.

É necessário esclarecer de antemão que o projeto aqui proposto, está metodologicamente baseado em estudos de campo em terreiros de Umbanda no município de Juiz de Fora, utilizando-se de entrevistas com mães/pais-de-santo e membros das casas e a análise de conteúdo das mesmas, diante do exposto este estudo não tem como pretensão, propor um “modelo” ou uma “verdade absoluta” em relação aos princípios éticos da Umbanda, pois é necessário compreender que “ [...] toda casa de culto está ligada a determinada tradição, marcada por epistemologia (doutrina), metodologia (iniciação) e ética (estilo de vida) próprias” (CARNEIRO; CRUZ, 2014, p.57).

A intenção exposta na proposta de estudo é poder contribuir para a construção do conhecimento em relação aos pressupostos e princípios éticos das religiões afro-brasileiras, especificamente a Umbanda, todavia, sem perder de vista a imensa diversidade existente dentro das religiões afro-brasileiras, com sua multiplicidade de adeptos, de rituais e formas de transmissão do conhecimento.

### **3. Objetivos**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Buscar entender os princípios éticos que pautam a relação entre mães/pais-de-santo e os médiuns nas casas de culto umbandista, bem como investigar a ética que rege a relação entre os médiuns e seus consulentes.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- ✓ Descrever a história da formação das casas de culto investigadas, a fim de buscar elementos em relação a sua formação e influência ética.
- ✓ Compreender como se dá a relação ética entre as mães/pais-de-santo e os médiuns das casas de culto.
- ✓ Perceber e compreender se há princípios éticos que regem a relação dos médiuns com os seus consulentes.



#### 4. Problemas e Hipóteses

O presente projeto pretende inicialmente responder aos seguintes questionamentos: quais princípios éticos pautam a relação entre mães/pais-de-santo e os médiuns nas casas de culto umbandista? Estas ações e relações sociais e religiosas dentro de terreiros de Umbanda do município de Juiz de Fora estão orientados por uma ética própria, inerente à Umbanda? A formação histórica das casas de culto, influencia na ação ética de seus membros? Há princípios éticos que regem a relação dos médiuns com os seus consulentes?

Acreditamos que a análise sobre a formação histórica das casas de culto, pode dizer muito sobre os princípios que regem o agir ético dos membros dos terreiros.

A relação entre mães/pais-de-santo e seus médiuns é baseada no respeito aos preceitos e a hierarquia dos terreiros. Os médiuns nutrem grande respeito à sabedoria de quem os iniciou, buscando agir em conformidade com as orientações de suas mães/pais-de-santo. As orientações basilares do desenvolvimento mediúnic e os estudos doutrinários, existentes em alguns terreiros, auxiliam os médiuns quando estão incorporados, e no atendimento aos consulentes.

É possível crer na noção de uma ética inerente a Umbanda, uma ética baseada na caridade, no auxílio as pessoas que chegam aos terreiros precisando de apoio espiritual. Uma ética que visa a harmonia coletiva, a partir da evolução cármica das entidades auxiliadoras, dos médiuns e dos consulentes. Há também uma compreensão de ética da justiça, na qual existe a noção de justiça invocada. Uma pessoa agredida pode buscar por meios mágicos, reparar a agressão sofrida, devolvendo-a ao agressor.

Contudo, por traz destas concepções, cabe analisarmos um elemento sempre presente como consequência das manipulações mágicas, o merecimento. Existe a noção de que o indivíduo só sofrerá a ação mágica, se de fato merecer a manipulação, se a ação for justa, do contrário, a magia retorna a quem a criou. A ética da justiça é sempre invocada, demandar contra inocente é injusto na visão umbandista. A herança africana legitima a ideia de que cada ser humano tem o direito de buscar a felicidade e a realização plena neste mundo, e esta conquista dá-se de forma justa.

Somente através da pesquisa de campo, da vivência nos terreiros, da observação e do diálogo, entre a pesquisadora e as mães/pais-de-santo e os médiuns das casas selecionadas para a realização do projeto, poderemos confirmar as hipóteses acima mencionadas, levantar outras hipóteses e buscar respostas aos problemas apontados.

## 5. Metodologia

Com a finalidade de desenvolver a análise proposta neste projeto, utilizaremos como método principal o trabalho de campo. A pesquisa de campo será baseada em entrevistas semiestruturadas, gravadas, transcritas e posteriormente analisadas.

A princípio a intenção é investigar um ou dois terreiros de Umbanda, no sentido de entendermos os princípios éticos que pautam a ação dos membros das casas de culto umbandista no município de Juiz de Fora. Diante deste objetivo o número de entrevistados não será definido de imediato, a intenção é entrevistar mães/pais-de-santo que estão à frente das casas, alguns médiuns mais antigos do terreiro e médiuns em desenvolvimento, a fim de conseguir responder aos objetivos propostos.

O trabalho de campo será realizado sob perspectiva de uma pesquisa qualitativa, sendo apontada como método confiável de coleta de dados, pois o pesquisador se insere no campo se relacionando diretamente com as pessoas cujo comportamento se deseja conhecer e entender. (BURKE, 1992).

Além das entrevistas buscaremos observar os rituais e o cotidiano do terreiro, as observações e impressões, serão anotadas em um diário de campo. A inserção no campo a partir da pesquisa qualitativa e observação participativa, nos possibilitará entender as estruturas de pensamento dos membros dos terreiros, quais postulados éticos comandam as suas ações cotidianas, se existe um padrão de comportamento próprio a religião, se existe um padrão de pensamento em relação ao agir ético dentro dos terreiros, entre outras possíveis percepções.

A partir da leitura das referências bibliográficas pertinentes, buscaremos relacionar as mesmas com as informações adquiridas em campo, os dados etnográficos registrados no diário de campo e as entrevistas concedidas pelos membros dos terreiros, realizando uma boa leitura e interpretação e hierarquização das informações adquiridas.

A partir desde ponto, utilizaremos como referencial teórico-analítico das narrativas a análise de conteúdo, buscando através da materialidade linguística do texto compreender o pensamento dos membros dos terreiros através do conteúdo expresso nas entrevistas transcritas. Ao estabelecermos categorias a partir das unidades de texto, poderemos identificar palavras ou frases que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (BARDIN, 1977). Com todo o conteúdo de pesquisa estudado e analisado partiremos para a interpretação das informações e escrita da dissertação.

## 6. Cronograma de execução

| ANO LETIVO              | 2018        |   |   |   |   |   |             |   |   |   |   |   | 2019        |   |   |   |   |   |             |   |   |   |   |   |
|-------------------------|-------------|---|---|---|---|---|-------------|---|---|---|---|---|-------------|---|---|---|---|---|-------------|---|---|---|---|---|
| PERÍODOS                | 1º SEMESTRE |   |   |   |   |   | 2º SEMESTRE |   |   |   |   |   | 1º SEMESTRE |   |   |   |   |   | 2º SEMESTRE |   |   |   |   |   |
| MESES                   | J           | F | M | A | M | J | J           | A | S | O | N | D | J           | F | M | A | M | J | J           | A | S | O | N | D |
| DISCIPLINAS             |             |   | X | X | X | X | X           | X | X | X | X | X |             |   |   |   |   |   |             |   |   |   |   |   |
| LEITURAS                |             |   | X | X | X | X | X           | X | X | X | X | X | X           | X | X | X | X | X |             |   |   |   |   |   |
| PESQUISA DE CAMPO       |             |   |   |   |   |   |             |   | X | X | X | X | X           | X | X | X | X | X | X           |   |   |   |   |   |
| PROJETO DE QUALIFICAÇÃO |             |   | X | X | X | X | X           | X | X | X | X | X | X           | X | X |   |   |   |             |   |   |   |   |   |
| REDAÇÃO FINAL           |             |   |   |   |   |   |             |   |   |   |   |   |             |   |   |   |   | X | X           | X | X | X | X | X |
| DEFESA DA DISSERTAÇÃO   |             |   |   |   |   |   |             |   |   |   |   |   |             |   |   |   |   |   |             |   |   |   |   | X |

## 7. Referências

BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Pioneira-Edusp, 1971, v. 2.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. 4. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARNEIRO, João Luiz de A.; CRUZ, Eduardo R. da. Ética das religiões afro-brasileiras: uma introdução. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; RIVAS, Maria Elisa G. B. M.; JORGE, Érica (Orgs.). **Teologia afro-brasileira**. São Paulo: Arché Editora, 2014. p. 55 - 69.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13 ed. São Paulo: Edusp, 2010.

FLORIANO, Maria da Graça. Tradição e invenção: Candomblé e Umbanda no campo religiosos de Juiz de Fora. In: DAIBERT JR, Robert; FLORIANO, Maria da Graça; BERKENBROCK (Orgs.). **A mão que costura o vento: mediações do sagrado nas tradições religiosas afro-brasileiras**. Juiz de Fora: Editora UFJF/MAMM, 2015, p. 217 – 241.

\_\_\_\_\_. **Umbanda – relações étnico-raciais na escola**: Unidade: origens da Umbanda. Juiz de Fora: UFJF, 2016. (Apostila fornecida para o curso Especialização em Religião e Religiosidades Afro-brasileiras: política de igualdade racial em ambiente escolar pelo NEAB-UFJF).

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

NODARI, Paulo César; CESCUN, Everaldo. Ética e Religião. In: TORRES, João Carlos Brum. (Org.). **Manual de Ética**: questões de ética teórica e aplicada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 489 – 509.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Hucitec /Edusp, 1991.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, São Paulo, 2002. Disponível em:< <https://scholar.google.com.br/>> Acesso em: 04 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RIBEIRO, Fernanda L. **Umbanda e teologia da felicidade**. São Paulo: Arché Editora, 2013.

RIVAS NETO, Francisco. **Escolas das Religiões Afro-brasileiras**: tradição oral e diversidade. São Paulo: Arché, 2012.

SANTOS, Nágila Oliveira dos. Do calundu colonial aos primeiros terreiros de candomblé no Brasil: de culto doméstico à organização político-social-religiosa. **Revista África e Africanidades**. Secretária de Estado de Educação do Rio de Janeiro, ano I, n. 1, maio, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

TAVARES, Fátima Regina Gomes e FLORIANO, Maria da Graça. Do canjerê ao candomblé: notas sobre a tradição afro-brasileira em Juiz de Fora. In: TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (orgs). **Minas das devoções**: Diversidade religiosa em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003.